Ministério da Cultura
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
Superintendência do IPHAN em Roraima

DIVTEC IPHAN-RR

Boa Vista 05 de Novembro de 2018

A Srª, Katyanne Bermeo Mutran
Superintendente do IPHAN em Roraima

Srª Sandra Regina Demétrio da Silva
Chefe da Divisão Técnica do IPHAN/RR

A Srª Ana Flavia Sousa Silva
Servidora arqueóloga do IPHAN/RR
Supervisora de atividades das práticas supervisionadas

ASSUNTO: II produto das práticas supervisionadas: mapeamento etnoarqueológico da comunidade Indígena de Camararem I e II Terra Indígena Raposa Serra do Sol, município de Uiramutã/RR-Brasil.

APRESENTAÇÃO

O presente produto II das práticas supervisionadas tem como objetivo a abordagem do mapeamento etnoarqueólogico da comunidade indígena de Camararém I e II, que está localizado ao norte do estado de Roraima, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, município de Uiramutã, Roraima-Brasil. A elaboração do mapeamento etnoarqueológico, possibilitou-nos a discutirmos os valores e simbologias existentes sobre o patrimônio arqueológico em nosso território. A construção do mapa base etnoarqueológico contou com a participação das lideranças indígenas, jovens e professores no planejamento e execução das atividades. Através da metodologia colaborativa foram realizadas seguintes etapas: 1º. Etapa, coleta de informações orais feitos através de entrevistas individuais e coletivas com mais idosos, jovens, pais e mães de famílias. 2º (Etapa elaboração do mapa etnoarqueológico, contendo nomes dos igarapés, lugares sagrados e lugares de memorias, 3º Etapa, atividade de campo). No entanto este produto esta organizado da seguinte forma: *Makusiyamî upatakon* yeseru: etnoarqueológia e Territorio *Makuxi*, contextualização da comunidade indígena Camararem I e II descrição dos lugares sagrados, e mapa base etnoarqueológico da comunidade indígena de Camararem I e II.

INDICE

Makusiyamî upatakon yeseru: etnoarqueológia e Territorio *Makuxi*.....	03
Contextualização da comunidade Indígena de Camararem I e II.....	05
Descrição dos lugares sagrados.....	06
Atur arpun: lugar sagrado *chefe do rato*.....	07
Iskî rapîmî'pî: lugar sagrado cachoeira da puga.....	08
Karoi utî. lugar sagrado chefe do peixe sarapó.....	09
Akuri apu': lugar sagrado chefe da cutia.....	10
Yari apu': lugar sagrado chefe das largatas.....	11
Ara'ti urtî: lugar sagrado língua do sapo.....	12
Penaronkon ruwai: cemiterio antigo.....	13
Makuanimî imenukakî: lugar de memoria escrita do makunaimî.....	16
Kamaranyen utî: lugar sagrado casa do kamaran.....	18
Mapa base etnoarqueologico da Comunidade Indígena de Camararem I e II. Terra Indígena Raposa Serra do Sol.....	22
Conclusão.....	23
Referencia.....	24
Anexo.....	25

MAKUSIYAMÎ UPATAKON YESERU: ETNOARQUEOLÓGIA E TERRITORIO MAKUXI.

Seniputa upatakon yeseru[1]*: etnoarqueólogia e território Macuxi*, busca levantar informações dos lugares de memorias[2] visando contribuir com a gestão destes bens no território[3] Makuxi. São referências culturais que fazem parte da identidade deste povo. Os lugares identificados no território do Camararem I e II são de valor cultural e vestígio material pré-colonial.

Nestes locais compreendemos que os objetos materiais antigos são referencias de ocupações por nossas ancestralidades que ali habitaram. Diante deste contexto, Prous, destaca que "para interpretar os dados fragmentários e exclusivamente materiais que coleta no campo, o arqueólogo lança mão de outros métodos auxiliares que recebem geralmente a denominação de etnoarqueologia" (PROUS,2002,p.51)

Uma das funções da etnoarqueologia é a arqueologia colaborativa, que vem sendo discutida em uma perspectiva interdisciplinar e multicultural. São formas de respeitar diferentes visões, e entender a realidades sobre o mundo, como é citado a partir das pesquisas realizadas com povos indígenas:

> Em contextos indígenas, esta abordagem pressupõe a perspectiva multicultural na construção do conhecimento e isto implica em contrapor diferentes modos de ver e conhecer o mundo, neste caso, dos arqueólogos/etnoarqueólogos e dos indígenas. É preciso compreender que as populações nativas têm uma relação dinâmica e dialética com o seu passado (SILVA, BESPALEZ, STUCHI, 2011, p. 37).

É partir das necessidades da comunidade que a arqueologia colaborativa vai agir, em coletividade, envolvendo diferentes grupos, respeitando a organização politica, social e cultural. "A arqueologia colaborativa vai muito além de uma pesquisa convencional com "boas intenções", na qual o pesquisador "dá voz" ao indígena, porque ela serve aos indígenas, eles designam o que será feito, ou o que não será publicado" (ORTEGA, Daniela Dias, 2011, p3). É através dessas abordagens que as informações etnoarqueológicas podem servir para própria comunidade, na construção de planos e

[1] Nomes na língua Makuxi escolhidos para este trabalho pelos Makuxi do Camararém I e II.
[2], Os lugares de memorias são, antes de tudo, restos. (NORA, 1993, p. 12)
[3] Os povos macuxi, vivem hoje nas terras do Brasil e da Guiana espalhadas na região da bacia do rio Branco e do Rio Rupununi(PPTAL, 2007,p.36)

estratégias em favor das suas necessidades e contribuindo com os seus interesses, como é citado a seguir:

> A através das fontes etnográficas, é possível encontrar elementos nas comunidades contemporâneas, que nos ajudem a refletir sobre a cultura material encontrada nos sítios arqueológicos. Porém, com muita cautela, sendo que não significa que sejam o mesmo grupo. Ainda assim, essas "comparações" em busca de semelhanças e diferenças, nos permitem refletir também em como a identificação de sítios arqueológicos pode contribuir na questão política da demarcação legal dos territórios de sociedades indígenas, e na ressignificação de sítios arqueológicos por outros grupos contemporâneos, sendo essas relações culturais extremamente relevantes para a etnoarqueologia em sua abrangência (SILVA, 2011, p.8).

Para nós indígenas o respeito com a natureza é fundamental em especial aos lugares sagrados, comumente identificados nas confluências dos rios Maú (ireng) onde faz fronteira com Guiana, esses valores nos fazem criar e recriar nossas tradições como uma proposta histórica de resistência cultural.

As nossas histórias de ocupação em nossa terra estão presentes nos lugares sagrados[4], tais como: lagos, igarapés, pedras. São vestígios presentes na nossa memória que fortalecem os nossos referencias indígenas. Esses lugares indicam dessa forma que respeitamos as formas de convivência e as estruturas de transmissão dos saberes, identificadores das várias etnias que compartilham o mesmo território.

Estudar o lugar de memória[5], lugar sagrado ou sítio arqueológico conhecido pelos arqueólogos a partir das visões do povo Macuxi[6] é entender as formas que nós indígena preservamos, e como esse testemunho da passagem humana antiga existente neste território pode contribuir para a arqueologia nos dias atuais, por isso para compreender melhor a significação do patrimônio arqueológicos pelos Macuxi definir o Território Indígena do Camararem[7] e os objetos de estudo: cerâmicas, cestarias antigas, pinturas rupestres, restos mortais identificados nos sítios arqueológicos e lugares sagrados com propósito de valorizar os conhecimentos tradicionais indígenas.

[4] É um lugar intocável, morada dos espíritos malignos que pega espiritos das pessoas quando não estão protegidas..
[5] Na cultura macuxi entendemos este conceito como Lugar de pertencimento e afeto de valor cultural coletivo.
[6] O povo macuxi é do tronco linguístico karibe habitam o Brasil (em Roraima), a Venezuela e a Guiana. A maior parte das comunidades está em área brasileira, no vale do Rio Branco" (SANTILLI, 2001).
[7] Camararém faz parte da Etnoregião das Serras na Terra Indígenas Raposa serra do sol, habitada pelo povo Macuxi.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNIDADE INDÍGENA DE CAMARAREM.

De acordo com o diagnóstico[8] realizado na comunidade indígena Camararem meus avós me contaram que "a lenda da aldeia inicia a partir do momento em que existia um morcego muito grande que se transformava em Humano, e que se alimentava das pessoas que ali residiam quando saiam de madrugada para fazer suas necessidades fisiológicas".

Segundo os mais velhos da comunidade, as populações que habitavam no passado na aldeia perceberam que a as pessoas estavam diminuindo e não sabiam o que estava acontecendo e decidiram pegar uma vovozinha que estava doente quase morrendo naturalmente de velhice. Amarraram tição de fogo em sua perna e deixaram-na no final do quintal. Alguns homens ficaram observando com suas armas tradicionais (arco, flecha, cacete e sarabatana) para ver o que acontecia, não demorou muito tempo veio o morcego chamado na língua Macuxi de *Kamaran*, pegou a vovozinha e levou para sua casa em cima de uma serra. Assim às pessoas descobriram que o *Kamaran* morava em cima da serra. Ao amanhecer todos que presenciaram aquela situação foram até o lugar e identificaram lugar com vestígios de restos mortais dos Macuxi que o *kamaran* se alimentava.

Diante deste fato todas as pessoas se reuniram e planejaram matar o *kamararan*, colheram então variedades de pimentas que existiam na comunidade tais como: pimenta malagueta, pimenta murupi, pimenta olho de peixe, pimenta *Kanaimé* e pimenta tro'tro. Como combinado os moradores saíram para a serra e fizeram uma grande fogueira na porta da casa do *kamaran*, queimaram todas as pimentas desta forma conseguiram acabar com a vida do morcego que morreu intoxicado.

Devido esse histórico acontecido nesta serra, este lugar passou a ser conhecido na língua Makuxi de kamara yen (*que quer dizer buraco do bicho kamaran*), depois da chegada de outras culturas dentro da cultura macuxi passou a ser conhecido atualmente de Camararém.

[8] Realizei o diagnóstico sócio cultural da comunidade Indígena Camararem como parte das práticas supervisionadas obrigatória do PEP/MP no ano de 2018.

Camararem é um território que foi referência para os Macuxi, os wapichana e Jaricuna. Os macuxi conseguiram expulsar os Wapichana, e com a força de grandes pajés, mataram os Jaricuna através de trovões e raios fortes.

Camararem tem sua formação de "savana estépicas e a floresta ombrófila, densa montanha que se concentra na região acerca da serra do Pacaraima e do Monte Roraima[9]" cercadas pelos Igarapés: Kamarayen wîtî (Igarapé do bicho Kamaran), Kamaran mota'(Boqueirão do Camararem), Artu urtî'(Igarape do Rato), Karoi urtî'(Igarape do sarapó), Warene (igarapé do bicho warene), Piroró (iagarapé da cobra grande). Ara'ti (Igarape da língua do sapo grande), Ireng (Rio maú), e iagarapé Seman (Igarapé do vento redemoinho).

Neste lugar é morada dos espíritos malignos, há cemitérios antigos e lugares sagrados tais como: chefe[10] do rato preá, chefe do peixe, chefe da lagarta mutambeira, chefe do Pium e chefe da mutuca, chefe da cobra, chefe do veado chefe da cutia, lugares sagrados deixados por Makunaimî[11].

O território do Camararem foi um lugar onde as pessoas tinham muito medo de passar e ser flechado através do Mariwa[12] e só depois de muito tempo este ambiente foi acalmado pelos grandes pajés[13], benzedores Macuxi que passaram a habitar neste lugar.

Era de costume no passado a relação de afeto muito forte pelos Macuxi com esses locais sagrados, era proibido ir nesses locais a não ser em caso especifico e com acompanhamento dos pajés. O repasse do conhecimento dos lugares sagrados foi sempre transmitido através das práticas vividas com o sentimento de medo (lugar dos bichos). O macuxi sempre acreditou nessas existências dos "chefes" espíritos que tem poderes sobre natural deixados pelo grande pajé Makunaimî e que este dá nomes a igarapés e serras.

[9] Informação do levantamento etnoambiental da terra indígena raposa serra do sol. PPTAL,2007, p.136.
[10] Na lingua macuxi denominamos O'ma de chefe expressão utilizadas para rochas, lages, intocáveis moradas dos espíritos que tem poderes sobre a natureza exemplo: raio, trovão, redemoinho.
[11] Grande pajé que tinha poderes sobre naturais e criador do povo Macuxi.
[12] Espirito maligno criado por Makunaimî é guardião das serras, inimigo dos macuxi que rouba os espíritos.
[13] Pajé são pessoas que tem um dom de conversar com os espíritos sobrenaturais.

DESCRIÇÃO DOS LUGARES SAGRADOS

1. *ATUR ARPUN* SIGNIFICA LUGAR SAGRADO *CHEFE DO RATO*.

Na língua Macuxi *Atur arpun* significa Lugar sagrado *chefe do rato* é uma rocha intocável que tem um valor e simbologia para cultura macuxi. Está localizado ao norte do centro da comunidade Indígena Camararem I a 500m da margem do rio Maú (*Ireng*), 300 metros do igarapé Kamarayen e 200m do igarapé *Atu Arpun*. Segundo os mais idosos o nome *atur arpun - chefe do rato* é o que denomina o nome da serra e do Igarapé.



Figura 1imagem Elder Marques. Lugar sagrado Atur arpun

Este lugar é morada do espírito criado por *Makunaimî*, é guardião do território, da serra, cuidam das nascentes e da espécie do Rato. Quando esta rocha é tocada sem autorização, surgem doenças bravas. É proibido pessoas de luto, mulheres menstruadas pessoas com fome e sem comer pimenta andar nesses locais, Pois *Atur arpun* pega os espíritos da pessoa. Faz surgir feridas brabas, podendo até matar, surgem temporais com grandes remoinhos, chuvas, raios e trovões podendo destruir as habitações, conhecemos

este fenômeno natural como o "bicho da serra esta zangada". Para acalmar este fenômeno natural é através de benzimento de orações tradicionais.

2. *ISKÎ RAPÎMÎ'PÎ*: LUGAR SAGRADO CACHOEIRA DA PUGA

Na língua macuxi *Iskî rapîmî'pî* significa Lugar sagrado *Cachoeira da pulga*. São vestígios, marcas deixadas pelo rasto da pulga, quando este pulou a cachoeira. As marcas são intocáveis têm um valor e simbologia para cultura macuxi. Está localizado ao norte do centro da comunidade Indígena Camararem I no rio Maú (*Ireng*). E tem como referência 20 N 0815272, UTM 0501678 e elevação 519m.



Figura 2imagem Elder Marques. Lugar sagrado Cachoeira da puga.

O *Iskî rapîmî'pî* rasto da pulga é um Lugar sagrado, segundo os mais idosos a pulga com preguiça de andar se enfiou no pé do *Makuanaimî*, quando descobriu tentou transformar a pulga em rocha. A pulga (*Iskî*) esperta saiu pulando a cachoeira com medo de ser transformado em pedra. *Makunaimî* e seus filhos *insikiran* e *Anike* amaldiçoaram o rasto *do Iskî rapîmî'pî* e quem ali passassem ou tocassem ficaria pulguentos– devido este acontecimento foi denominada a este lugar cachoeira da pulga como é conhecida atualmente.

3. *KAROI UTÎ*. LUGAR SAGRADO CHEFE DO PEIXE SARAPO

Na língua macuxi *Karoi utî* significa *chefe do peixe Sarapo*. É uma rocha morada do espirito maligno é um local intocável têm um valor e simbologia para cultura macuxi. Está localizado no rio Maú (*Ireng*). Segundo os mais idosos o *Makunaimî* quando foi pescar transformou o peixe em rocha e a deixou como forma de espirito para que assim pudesse cuidar do lugar e multiplicar os peixes. Devido a este acontecimento o nome karoi utî foi dada uma cachoeira.



Figura 3imagem Elder Marques. Lugar sagrado chefe do peixe karoi utî.

Este lugar é morado dos espíritos criado por *Makunaimî,* é guardião do território, da serra, cuidam das nascentes e da espécie: do peixe sarapó e owa. Quando esta rocha é tocada ou quando fazem barulho sem autorização surgem doenças bravas. É proibido pessoas de luto, mulheres menstruadas pessoas com fome e sem comer pimenta andar nesses locais, Pois *Atur arpun* pega os espíritos da pessoa. Faz surgir feridas brabas, podendo até matar, surgem temporais com grandes remoinhos, chuvas, raios e trovões podendo destruir as habitações, conhecemos este fenômeno natural como o "bicho da serra esta zangada". Para acalmar este fenômeno natural é através de benzimento de orações tradicionais.

AKURI APU': LUGAR SAGRADO CHEFE DA CUTIA

Na língua macuxi *Akuri arpu-* é um nome dado a uma rocha sagrada, referência a três significados para o povo Makuxi: *chefe do rato Preá, chefe da Cutia e chefe da cobra*. Para a cultura Macuxi a rocha é intocável foi criada pelo *Makunaimî* como guardião do território. Têm um valor cultura, ambiental e territorial, está localizado em uma montanha no centro da comunidade indígena Camararem I.



Figura 4Imagem Elder Marques. Chefe da cutia e rato preá.

Este lugar é morada dos espíritos criada por *Makunaimî,* é guardião do território, da serra, cuidam das nascentes e das espécies: cutia, rato preá e cobras. Quando esta rocha é tocada surgem em grandes qualidades espécies mencionadas. É proibido pessoas andar nesses locais com fome, é indispensável ir sem comer pimenta, pessoas de luto, mulheres menstruadas. Pois *Akuri arpu* pega os espíritos da pessoa. Faz surgir doenças bravas, podendo até matar, surgem temporais com grandes remoinhos, chuvas, raios e trovões podendo destruir as habitações, conhecemos este fenômeno natural como o "bicho da serra zangado". Para acalmar este tempo é através dos pajés que benzem através de orações tradicionais.

4. YARI APU': LUGAR SAGRADO CHEFE DAS LARGATAS

Na língua macuxi *yari apu'*: significa chefe das lagartas. É uma rocha sagrada e intocável. É importante para a cultura macuxi por ter o significado cultural e referencia três chefes espirituais malignos tais como: chefe do veado, chefe das lagartas, chefe das cobras. Esta rocha é intocável têm um valor e simbologia para cultura macuxi, localiza-se na serra da Kamarayen.



Figura 5 Imagem Elder Marques. Chefe da lagarta

Este lugar é morada do espírito criado por *Makunaimî*, é guardião do território, da serra, cuidam das nascentes e da espécie do Rato. Quando esta rocha é tocada sem autorização, surgem doenças bravas. É proibido pessoas de luto, mulheres menstruadas pessoas com fome e sem comer pimenta andar nesses locais, Pois *Atur arpun* pega os espíritos da pessoa. Faz surgir feridas brabas, podendo até matar, surgem temporais com grandes remoinhos, chuvas, raios e trovões podendo destruir as habitações, conhecemos este fenômeno natural como o "bicho da serra esta zangada". Para acalmar este fenômeno natural é através de benzimento de orações tradicionais

5. ARA'TI URTÎ: LUGAR SAGRADO LÍNGUA DO SAPO

Na língua macuxi ara'ti significa lugar sagrado *língua do sapo*. É uma rocha sagrada. É importante para a cultura macuxi por ter o significado cultural nas relações com o meio ambiente e território. Esta rocha é intocável têm um valor e simbologia para cultura macuxi, localiza-se na serra no igarapé ara'ti, que tem esse nome devido ao acontecimento deste fato neste local.



Figura 6Imagem Elder marques. lugar sagrado lingua do sapo aradi

Segundo os mais idoso do Camararem o Makunaimî cortou a língua de uma rã (ara'ti) que queria lhe engolir e transformou-a em pedra. Acredita-se que se as mulheres grávidas tocarem nessa pedra, quando o filho nascer ficará mudo, O lugar sagrado conhecido pelos moradores de Língua do ara' ti localiza-se no igarapé Aradi. É uma pedra que tem a característica do formato de uma língua chegando a medir 2m de comprimento.

2. DESCRIÇÃO DOS SITIOS ARQUEOLÓGICOS

2.1. **PENARONKON RUWAI: CEMITERIO ANTIGO**

A característica do espaço geográfico onde é encontrado o sítio arqueológico *Ruwai e* de Urnas funerárias é rodeada por rochas que chegam a aproximadamente 3 metros de altura e há pequenas matas próximas à margem do rio Maú, na fronteira entre o Brasil e a República Federativa da Guiana.

Este patrimônio arqueológico é um lugar que não é aberto para quaisquer pessoas da comunidade e nem de fora dela. Acredita-se que, quando isso não é respeitado, a pessoa sofre por muito tempo várias consequências. Esse cuidado acontece porque o lugar é considerado sagrado.

No sítio arqueológico P*enaron ruwai* foram observados cacos cerâmicos encontrados na superfície do solo que podem ser vestígios de antigas panelas de barro. Acredita-se que outros vestígios de objetos poderiam ser pertences de indivíduos que ali vivera.



Figura 7 imagem Elder Marques. Cacos ceramico

No entorno também foram encontrado uma peça de cestaria na qual identificamos ser um abano que serve para vira o beiju foi feita de arumã esta situada próximo dos cacos cerâmicos e restos mortais. Este material está bem degradado e de acordo com as normas da comunidade esse material não pode ser retirado do local por ser um bem que pertenceu a um chefe importante na aldeia. E estar interligado com os espíritos das serras.



Figura 8 Imagem Elder Marques. Cestaria

Outro vestígio material encontrado foi pinturas rupestres que podem simbolizam passagem do *Makuanimî*, são marcas deixadas como forma da delimitação do território e sagrado, através desta pintura é que representa o Mariwa, quando olhado por muito tempo pode pegar doenças como tumores no olho. As pinturas estão em boas condições não tem presença de impactos ambientais, esta protegido da luz solar, e da agua. Como é possível ser observado na imagem a seguir.



Figura 9 Imagem Elder Marques. Pinturas rupestre

Neste local observamos também restos mortais que esta em má conservação, com presença de casas de cupim e coberta com rochas. Esses vestígios ficam em um local escuro, que não tem acesso à luz. É um local como se fosse abrigo, mas é ali conhecido como cemitério Pré-Histórico, o lugar vem sendo protegido há muito tempo pelos moradores, já que é considerado um lugar sagrado e que é conhecido por pessoas da região, mas é pouco frequentado por ser local sagrado e as pessoas sentirem medo.



Figura 10 Imagem elder Marques. Urnas.

Este lugar é morado dos espíritos criado por *Makunaimî*, são guardião do território, da serra, cuidam das serras, das rochas, dos igarapés para não secar. É proibido pessoas andar nesses locais com fome, é indispensável ir sem comer pimenta, pessoas de luto, mulheres menstruadas. Pois *yari apu* pega os espíritos da pessoa. Faz surgir doenças bravas, podendo até matar, surgem temporais com grandes remoinhos, chuvas, raios e trovões podendo destruir as habitações, conhecemos este fenômeno natural como o "bicho da serra zangado". Para acalmar este tempo é através dos pajés que benzem através de orações tradicionais.

2.2.MAKUANIMÎ IMENUKAKÎ: LUGAR DE MEMORIA ESCRITA DO MAKUNAIMÎ

Makuanimî imenukakî é o nome do sitio arqueológico conhecido na língua Macuxi que quer dizer escrita do *Makunaimî*. Nesse lugar estão marcas deixadas sobre as rochas pelo grande pajé *Makunaimî*, e seus filhos *Insikiran* e *Ani'ke*.



Figura 11 Imagem Elder Macuxi. Espaço geográfico do sitio.

O espaço geográfico onde é localizado o sítio arqueológico *Kumiutî* é composto por serras com muitas rochas que medem aproximadamente 3 metros de altura. O clima no local é úmido e quente, com chuvas bem distribuídas ao longo do ano, com período mais chuvoso nos meses de maio a agosto.

Entre as características do local apresentam-se ainda variedades de ecossistema arbóreo como: caimbés, paricarana, darora, taxi, jaraí, mafim e buritizais que aparecem na forma de pequenas matas. Esse ambiente abriga rica fauna, composta principalmente por animais silvestres, como tamanduá, tatu, jabuti, rãs e aves que se alimentados frutos dessas árvores.

É de costume dos moradores de Camararém caçar neste local. Acredita-se que algumas espécies destes animais utilizam a região apenas como corredor de acesso a outras regiões, uma vez que os recursos disponíveis nem sempre são suficientes para sua alimentação.

O sítio *Makuanimî Imenukakî* está localizado a 4 km do centro da comunidade. Para chegar lá é necessário caminhar nas trilhas acidentadas durante 40minutos em ritmo moderado. O sítio arqueológico fica no pé da serra do Pakara, depois da Baixa do Porco, como é conhecido o lugar pelos moradores da comunidade Camararém.

Kumiutî apresenta duas lapas, com variedades de pinturas rupestres de tonalidades avermelhadas, situadas sob o mesmo bloco de rocha. O sítio arqueológico tem o tamanho de 3 metros de altura e 4 metros e 80 centímetros de comprimento

.



Figura 12 imagem Elder Marques. Sitio arqueológico Makunaimî Imenukakî.

Nas paredes do sítio arqueológico é possível identificar 40 pictografias, e no teto pode se observar 25 pinturas rupestres. Destas pinturas, 6 do teto podem ser decifradas e as outras não sabemos ao certo o que elas representam.É importante destacar que as maiorias das pinturas rupestres estão relacionadas à representação de animais silvestres encontrados na região como: tamanduá, sapo, macaco e lagartixa. É possível também identificar artes com formatos de pessoas. Algumas pinturas rupestres parecem representar movimento e outras estão como se estivessem paradas.



Figura 13 Imagem Elder Marques

As pinturas rupestres do sítio arqueológico Kumiutî apresentam tonalidades avermelhadas mais escuras e outras parcialmente apagadas. Nota-se também a presença de algumas pinturas que foram encobertas pelos invasores naturais que dificultam sua visualização.

2.3.**KAMARANYEN UTÎ: LUGAR SAGRADO CASA DO KAMARAN**

Na língua Macuxi *Kamarayen penaron utî* significa Lugar sagrado *Casa do Kamaran. É um local sagrado para a cultura Macuxi do Camararém.* Neste lugar épossivel identificar restos mortais humanos. Esse sítio de urna tem um valor cultural e significa morada dos espíritos do *kamaran.* Está localizado na serra do Kamarayen na qual se originou o nome da comunidade Camararem.



Figura 14 acervo do IPHAN. Urna Kamaran.

Este lugar é morado dos espíritos criado por *Makunaimî,* é guardião do território, da serra, cuidam das nascentes da agua. Quando neste lugar é feito barulho, ou guando é jogado pedras os espíritos ficam bravos. É proibido pessoas de luto, mulheres

menstruadas pessoas com fome e sem comer pimenta andar nesses locais, Pois Kamaran utî pega os espíritos da pessoa. Faz surgir feridas brabas, dar quebrante na pessoa, surgem temporais com grandes remoinhos, chuvas, raios e trovões podendo destruir as habitações, conhecemos este fenômeno natural como o "bicho da serra esta zangado". Para acalmar este fenômeno natural é através de benzimento de orações tradicionais feito pelos pajés.

3. MAPA BASE ETNOARQUEOLOGICO DA COMUNIDADE INDÍGENA DE CAMARAREM I E II. TERRA INDIGENA RAPOSA SERRA DO SOL.

O presente mapeamento etnoarqueologico esta organizado com seguintes informações nomes dos igarapés: *Kamarayen wîtî, Kamaran mota', Artu urtî', Karoi urtî', Warene, Piroro, Ara'ti, Ireng, Seman, Paiwa, Waitopan, Marakan, Aurupé*.

Em seguida é citado nomes dos lugares sagrados: *Atur arpun*: Lugar sagrado chefe do rato: *Iskî rapîmî'pî*: Lugar de memoria cachoeira da puga. *Karoi utî*: Lugar sagrado Chefe do peixe Sarapo. Akuri apu' Lugar sagrado Chefe da cutia. *Yari apu*: Lugar sagrado Chefe das largatas. *Penaronkon ruwai*: Lugar sagrado antigo. *Makuanimî imenukakî*: Lugar de memoria escrita do M*akunaimî. Kamaranyen*: Lugar de memoria cemitério antigo. *Ara'ti urtî*: Lugar sagrado língua do sapo Aradi.

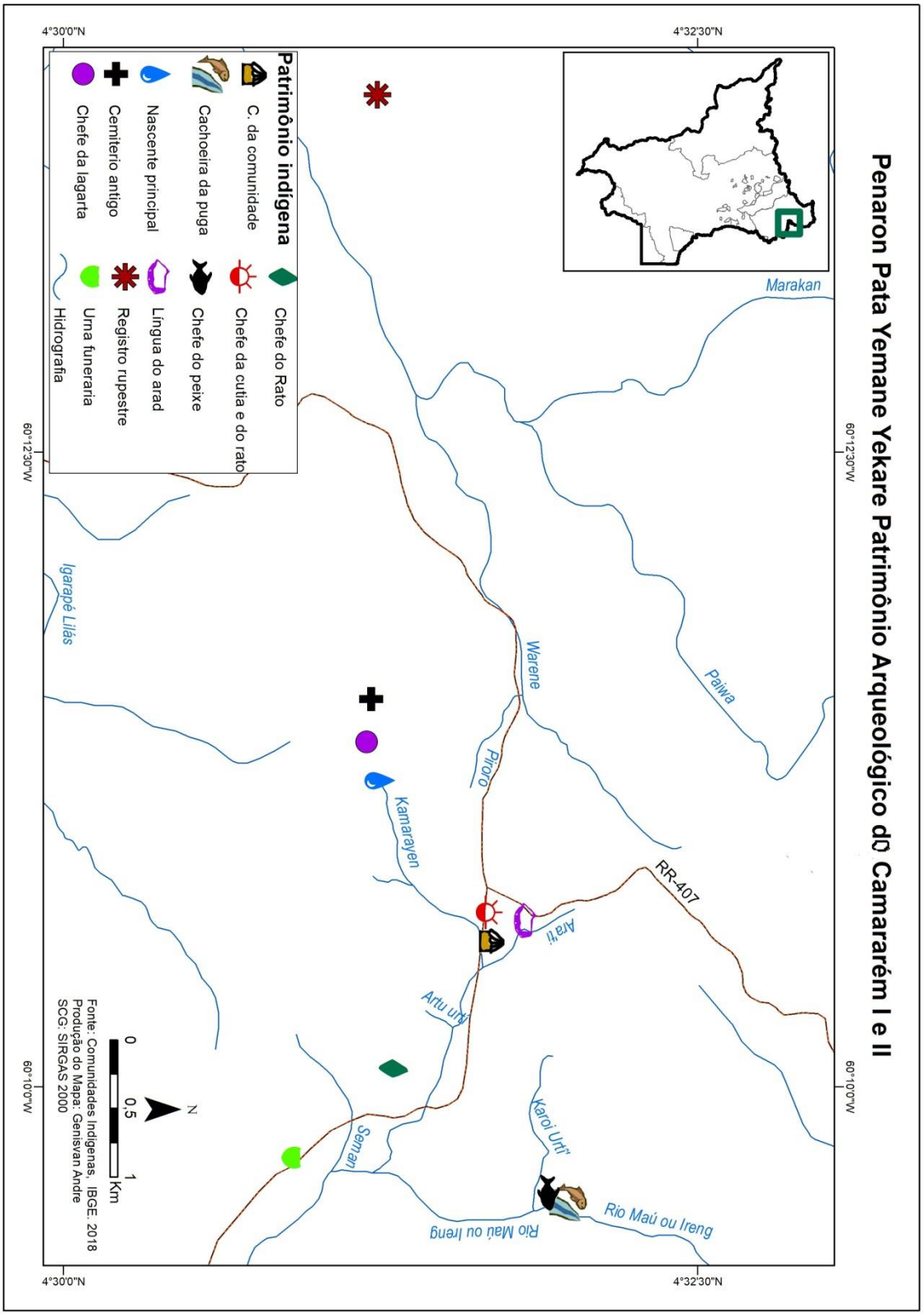
Através da metodologia colaborativa foram realizadas seguintes etapas: 1º. Etapa, coleta de informações orais feitos através de entrevistas individuais e coletivas com mais idosos relataram suas experiência sobre a convivência e histórico da aldeia, descreveram nomes dos igarapés em Macuxi e sua importância para o território da comunidade indígena de Camararem.

2º (Etapa elaboração do mapa etnoarqueológico, contendo nomes dos igarapés, lugares sagrados e lugares de memorias), Nesta etapa foi ocupado em coletividade o malocão da comunidade[14] foram utilizado cartolina, data show, computador caixa de som, os participantes que estavam presentes se sentiram a vontade para se expressar pais e mães de famílias, jovens e os mais idosos.

3º Etapa, (atividade de campo) a atividade de campo consistiu em fazer a visitação no lugares sagrados já identificados pelos moradores. Com a equipe de estudantes e professores foram utilizados GPS, câmara fotográfica, cadernos de anotações e mapa base já elaborado pela comunidade.

Esse material foi trabalhado para as futuras gerações Macuxi, para colaborar na busca de uma forma de educação das nossas crianças e jovens que reforce nossa identidade cultural.

[14] Malocão é um espaço coletivo onde a comunidade se reúne para planejar e discutir seus interesses coletivos.


Penaron Pata Yemane Yekare Patrimônio Arqueológico do Camararém I e II
Patrimônio indígena
C. da comunidade
Cachoeira da puga
Nascente principal
Cemiterio antigo
Chefe da lagarta
Chefe do Rato
Chefe da cutia e do rato
Chefe do peixe
Língua do arad
Registro rupestre
Urna funeraria
Hidrografia
4°30'0"N
4°32'30"N
60°12'30"W
60°10'0"W
Marakan
Igarapé Lilás
Warene
Paiwa
Piroro
Kamarayen
RR-407
Ara'ti
Artu urti
Seman
Karoi Urti'
Rio Maú ou Ireng
0
0,5
1
Km
N
Fonte: Comunidades Indígenas, IBGE. 2018
Produção do Mapa: Genisvan Andre
SCG: SIRGAS 2000

4. CONCLUSÃO

O registro das histórias indígenas relacionados ao sítio arqueológico e aos lugares sagrados na comunidade Camararém I e II contribuiu com a sistematização de informações que vieram do encontro entre os conhecimentos indígenas e os adquiridos durante as praticas supervisionadas.

É importante destacar que essas ações de registro das informações sobre lugares sagrados foi uma forma de valorizar as referencias culturais, e possibilitou a discursão da comunidade sobre a importância dos critérios para acesso e visitação aos lugares sagrados, tendo em vista constituir um processo de visitação controlada.

O estudo sobre patrimônio arqueológico e as ações de educação nos lugares sagrados durante a elaboração do mapeamento etnoarqueológico do Camararém I e II, foi um grande desafio. Para chegáramos resultados desta pesquisa, consegui reunir um grupo de trabalho: tive a contribuição dos mais idosos, dos agentes patrimoniais indígenas, dos pais de família, dos professores e dos estudantes da Escola Estadual Indígena Santa Mônica, e da equipe do IPHAN: os técnicos arqueólogos.

Este tipo de práticas teve uma relação direta com objetivo principal do projeto que foi elaborar um mapeamento etnoarqueológico, houve um impacto muito positivo, porque os principais resultados foram alcançados e compreendidos pelos moradores. Pretendo apresentar este produto II das práticas supervisionadas a comunidade indígena de Camararem I e II , entregar uma cópia impressa e poder discutir com os membros que estiveram envolvido diretamente para avaliar as iniciativas que deram certo. Isso poderá fortalecer ainda mais esse projeto e nos ajudar a planejar estratégias a serem trabalhadas a médio e a longo prazo, afim de contribuir com o valor cultural existente na comunidade.

O resultado destas ações de educação e patrimonio se tornou muito importante para construirmos novas propostas educativas que incluam o conhecimento cultural e científico para o processo educativo e de formação de indivíduos que pensem diferente na sociedade como um todo. A partir dessas experiências de pesquisa, hoje tenho um olhar mais refinado de como valorizar e fortalecer os conhecimentos relacionados às atividades na área de patrimônio cultural material e imaterial como forma de fortalecer a identidade indígena Macuxi.

5. **REFERENCIAS.**

FUNAI, PPATAL/GTZ, levantamento etnoambiental das terras inigenas do complexo Macuxi e wapichana, 2008

LARAIA, Roque de Barros. O desenvolvimento do conceito de cultura. In: **Cultura: um conceito antropológico**. 17 ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005. p. 30-52.

LAG, Maria Conceição soares Meneses. A conservação de sítios de arte Rupestre. Lima (Organizadora**) Patrimônio arqueológico**: o desafio da preservação. Brasilia. ed. nº 33 2007. p 95-106.

LIMA, Tânia Andrade, apresentação, **patrimônio arqueológico e desafio da preservação.** Brasília - DF 2007.

MARTINS, Dilamar Candida. Patrimonio Arqueológico. In: Barreto, Euder, Arrais et. al (Organizadores). **Patrimônio Cultural e educação:** artigos e resultados. Goiânia, 2008.

MULLER Regina, MOURÃO Roberto, ALMEIDA Síbene**,** Uma alternativa econômica para os povos indígenas contribuindo para a valorização do patrimonio ambiental e culturaal**. Manual indígena de ecoturismo-** Brasília - MMA,1997 p. 28-54.

NORA, Pier. Entre memoria e historias a prblematica das memorias. Projeto de historia de São Paulo.1993.

SILVA, Fabíola Andréa; BESPALEZ, Eduardo; STUCHI, Francisco Forte. **Arqueologia Colaborativa na Amazônia**: Terra Indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará. Amazônica – Revista de Antropologia, vol. 3, nº 1, 2011.